

como o plástico, o metal, a madeira...? Não há estudos suficientes e sistematizados que permitam dar uma resposta inequívoca a esta questão. O tipo de superfície não parece influenciar a viabilidade do vírus e, em princípio, é indiferente se se trata de plástico, metal, madeira, porcelana, etc.

Como medida de precaução, e na ausência de dados sólidos sobre esta matéria, aconselha-se a limpeza das superfícies com uma solução desinfectante (álcool a 70% ou lixívia a 2%).

Há pequenos gestos que podem fazer a diferença como desinfetar o telemóvel? Sim, os telemóveis são uma das principais fontes de contágio para muitas doenças infecciosas, nomeadamente do tracto respiratório. Os coronavírus não são excepção e o telemóvel deve ser desinfectado com regularidade com uma solução ou gel à base de álcool a 70%. Para além de desinfetar o telemóvel, e como medida de precaução adicional, aconselharia a não partilhar o aparelho com outras pessoas.

Existem muitos mitos, muito ruído e fake news que dificultam a forma como as pessoas enfrentam esta 'ameaça silenciosa'. Quais, no seu ponto de vista, são os principais erros cometidos no combate ao Covid-19? Não estando inscrito nas principais redes sociais, tenho acompanhado pouco as chamadas "Fake news" ou boatos, como se queira chamar. Da experiência que tenho contactando com amigos e outras pessoas com que me cruzo no dia a dia, diria que as principais dúvidas dizem respeito à necessidade ou não do uso de máscaras e aos cuidados a ter com os cidadãos mais vulneráveis. Aconselho a consulta da página da Direcção Geral de Saúde (www.dgs.pt) para o esclarecimento de todas as dúvidas relacionadas com esses boatos. Há equipas a monitorizar as redes sociais e uma parceria com o site Polígrafo com o objectivo de combater toda a desinformação. Contudo, do meu ponto de vista, não podemos também esquecer que têm sido cometidos alguns erros a níveis mais altos de decisão. Em minha opinião, têm predominado posturas reactivas e nem sempre coincidentes, quando deveriam ter sido, nalguns casos, tomadas mais atempadamente decisões preventivas.

E as principais lições que têm surgido deste combate? As lições a tomar do combate que todos estamos a travar só poderão ser aprendidas no final, com todos os dados já disponíveis e com uma análise técnica aprofundada, pelos diversos especialistas envolvidos, e que já deram sobejas provas da sua competência. Como muito bem disse o governo, não existe um partido do vírus e um partido anti-vírus. Mas é preciso passar das palavras aos actos e nem sempre é essa a imagem que passa para os cidadãos.

Quebrar as cadeias de contágio através do isolamento social/quarentena é mesmo a melhor maneira de di-

minuir e evitar a propagação da Covid-19? Sim. Actualmente, não existe nenhum tratamento eficaz e aprovado para o tratamento desta infecção por este novo coronavírus. Tão pouco existe uma vacina e, muito provavelmente, apesar de todos os esforços, não estará disponível antes do fim desta pandemia. Assim, a única forma de quebrar as cadeias de contágio, evitando a propagação do vírus e minimizando o surgimento de novos casos, é o isolamento social ou a quarentena.

As medidas que têm sido tomadas, são suficientes para minimizar os efeitos da pandemia no país? As medidas que têm sido anunciadas e tomadas até agora, e ao nível nacional são susceptíveis de minimizar o impacto da pandemia no país. Nalguns casos, tem existido concordância e sintonia de opiniões com os nossos parceiros europeus, o que pode facilitar o controlo geral em Portugal e na EU. É absolutamente correcto dizer que, se estas medidas não tivessem sido tomadas, estaríamos perante uma situação muito pior. Temos esperança, mas não a certeza, que se revelem suficientes.

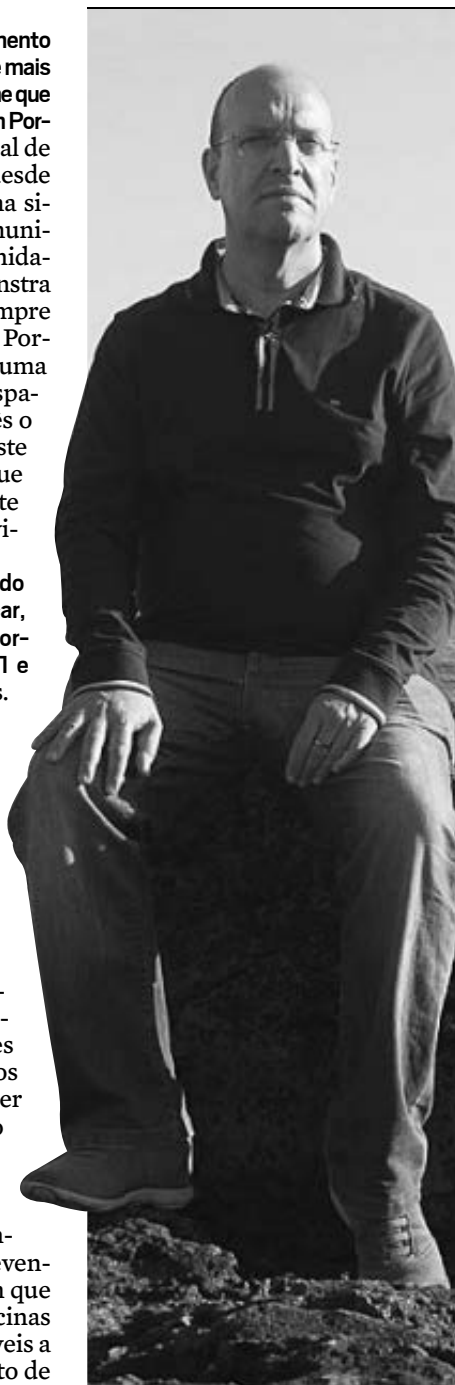
Como se pode explicar o aumento exponencial dos casos em Itália e mais recentemente em Espanha? Teme que isso possa também acontecer em Portugal? O aumento exponencial de casos em Portugal existe desde que surgiu o primeiro. Numa situação em que não existia imunidade contra este vírus (imunidade 0), a epidemiologia demonstra que o aumento de casos é sempre exponencial. A situação em Portugal precede em cerca de uma semana o que sucede em Espanha e em cerca de duas a três o que sucede em Itália. Deste modo, é razoável prever que em breve estaremos perante uma situação semelhante à vida nesses países.

O facto deste vírus ter surgido agora significa que veio para ficar, tal como já aconteceu anteriormente com o H1N1 ou o H5N1 e outros? Ainda não sabemos. Esperamos todos que tal não suceda e é para isso que estamos a lutar. O esforço deve ser feito por todos os cidadãos e por todos os países. Num grande número de regiões do globo os sistemas de saúde são débeis e muito vulneráveis ao surgimento de novas epidemias. Tem havido um esforço da comunidade internacional para ajudar esses países a dotarem-se de meios capazes de ajudar a combater esta pandemia. Ainda não sabemos se serão suficientes e adequados à realidade concreta de cada região. Todavia, é possível que a pandemia seja controlada e, eventualmente, erradicada assim que surgirem as primeiras vacinas eficazes, aprovadas e acessíveis a toda a população. Estou certo de



A ÚNICA FORMA DE QUEBRAR AS CADEIAS DE CONTÁGIO (...) É O ISOLAMENTO SOCIAL OU A QUARENTENA.

OS TELEMÓVEIS SÃO UMA DAS PRINCIPAIS FONTES DE CONTÁGIO PARA MUITAS DOENÇAS INFECCIOSAS



que irão surgir mas, provavelmente não antes da pandemia estar oficialmente controlada.

Nesta semana já se falava que uma empresa iria começar a realizar testes de uma vacina contra a Covid-19 em humanos. Dentro de quanto tempo prevê que se possa ter uma vacina ou mais no mercado? Esta é mais uma pergunta de muito difícil resposta. Existem, neste momento, e que se saiba, cerca de 40 empresas e/ou laboratórios a tentar desenvolver uma vacina. As abordagens tecnológicas e conceptuais são muito diversas. O que ressalta de toda esta informação é que há uma verdadeira corrida para o desenvolvimento duma primeira vacina. Algumas empresas utilizam abordagens mais ou menos inovadoras, potencialmente mais rápidas, mas que nunca resultaram num produto eficaz e aprovado para uso humano. Para uso veterinário deve haver umas 3 ou 4. Outras, optaram por abordagens mais conservadoras e já anteriormente testadas. Exigem uma produção mais morosa mas também oferecem maior probabilidade de sucesso. No final, é crível que tenhamos mais do que uma vacina eficaz e aprovada para uso humano mas todo o processo, desde o desenvolvimento da formulação, até aos testes de segurança, dosagem, etc, etc, durarão seguramente vários meses, no mínimo de um ano a um ano e meio.

Conhecem-se hoje cerca de 2 mil vírus, mas há muitos outros desconhecidos. O mundo em que vivemos, que é cada vez mais global e globalizante, está cada vez mais propenso a novas pandemias virais? O mundo global em que vivemos, juntamente com as alterações climáticas que se verificam e irão manter-se ou mesmo agravar-se, favorecem a disseminação de doenças, particularmente as infecciosas. Hoje em dia, conhecemos pelo menos dois mil vírus mas muitos outros milhares permanecem por descobrir. Felizmente, apenas uma pequena parte é capaz de infectar o Homem. Em teoria, a maior e mais frequente mobilidade das populações favorece a disseminação de doenças e pode potenciar o surgimento de novas pandemias. Contudo, é bom lembrar que se encontram registadas pandemias desde pelo menos os tempos do Império Romano e, mais recentemente, a Humanidade enfrentou as gripes asiáticas e espanhola com milhões de mortos e numa época em que a mobilidade era muito mais reduzida do que hoje. Por isso, é possível que a frequência de surtos, epidemias e pandemias aumente mas também estamos melhor preparados para as enfrentar.

Quais os principais desafios que estes novos vírus colocam aos países e sobretudo às pessoas, no dia a dia de cada um? Depende do vírus, da sua capacidade de se disseminar, e da gravidade dos sintomas que provoca. De um modo geral, diria que os novos desafios passam pela parti-

lha e abertura da informação científica, do fortalecimento dos sistemas de saúde e da necessidade de educar as populações para hábitos simples mas obrigatórios de comportamentos de higiene pessoal e social. O acesso generalizado a água potável, sobretudo nos países de baixa renda, é um factor crucial na prevenção de novas doenças.

Investigações científicas dão conta de que este novo coronavírus terá surgido do contacto de um ser humano com um animal (morcego ou pangolim) num mercado de animais vivos na China, que entretanto foi encerrado. A verdade, e como demonstrou uma recente reportagem no programa australiano de informação '60 Minutos', continuam a existir em vários países asiáticos vários mercados do género, onde animais exóticos de diferentes continente e habitats convivem até serem mortos ou vendidos vivos. Esses mercados são fontes potenciais de novos vírus? Não seria importante dar ordem mundial de encerramento? Sim, embora a hipótese de passagem intermédia através do pangolim não tenha sido demonstrada, pelo contrário, esses mercados são fontes potenciais de novos surtos de doenças infecciosas. Durante a epidemia de SARS, no início do século, a China ordenou o encerramento temporário de alguns mercados de animais. E depois permitiu a sua reabertura.

Não me parece ser possível dar ordem mundial de fecho desses ou de quaisquer outros mercados. São decisões soberanas de cada país. A OMS pode emitir apenas recomendações e cabe a cada governo acatá-las ou não. E isso também depende da situação económica e social que se vive em cada país. São decisões políticas e as pessoas também precisam de comer.

É possível prever quando será o pico da epidemia em Portugal? Existem modelos matemáticos e epidemiológicos que permitem prever com maior ou menor probabilidade quando ocorrerá o pico duma epidemia. Esses modelos podem ser mais ou menos simples ou sofisticados, incluir um maior ou menor número de variáveis. No caso português alguns especialistas, matemáticos, epidemiologistas, etc, têm proposto e aplicado modelos com o objectivo de prever a evolução e o pico da epidemia em diversos cenários de medidas de combate à epidemia. Nem todos são coincidentes e, por isso, também não há actualmente uma opinião consensual. De qualquer modo, tendo Portugal uma estrutura demográfica não muito diferente da italiana e espanhola, podemos, com base no que sucede diariamente nesses países prever o que poderá suceder posteriormente no nosso.

Deste modo, sendo aparentemente consensual que a nossa fase da epidemia tem cerca de 2 a 3 semanas de atraso em relação à italiana, poderemos talvez prever que o pico da epidemia em Portugal sucederá 2 a 3 semanas depois do pico italiano.